

## Magneplanar MG12



Numa época em que as colunas de caixa ocupam o lugar de topo nas preferências de compradores, não se pode dizer que as colunas de painel passem presentemente por um momento fácil. Há apenas alguns anos, os painéis conheciam a sua época dourada em termos de aceitação de mercado, mas tudo na vida é uma questão de oportunidade e, muitas vezes, todos sabemos disso, as modas sucedem-se em alternâncias cíclicas.

Os construtores que sempre apostaram nos painéis como solução para os transdutores na parte final do sistema de som mantêm-se, todavia, fiéis às suas convicções, cientes que um dia virá que fará novamente brilhar em todo o esplendor este tipo de tecnologia, para muitos ainda desconhecido ou, até mesmo, um mistério.

Marcas como a europeia e mítica Quad, mas também a americana Martin Logan e, naturalmente, a Magneplanar encontram-

se entre os nomes que enfrentam ventos que não sopram de feição, mas continuam a fazer prevalecer as convicções dos seus criadores, de que a qualidade está sempre acima de qualquer moda mais ou menos passageira.

Para já, não podemos queixar-nos da falta de propostas: como em muitas outras coisas, há de tudo para todos os gostos e as colunas de som não são excepção. Felizmente. Por isso, vamo-nos contentando

com a marca única e inconfundível de alguns modelos que vão chegando até nós, novidades ou velhas glórias que nem por isso se revelam menos competentes que outras ofertas mais *trendy*.

Falando concretamente da Magneplanar, o construtor americano que produz as Magneplanar, reapareceu há pouco tempo no mercado europeu com uma imagem renovada, após uma temporada de retiro – a que eu chamaria, com toda a propriedade,

retiro espiritual, ou não estivesse em causa uma marca de colunas cujo objectivo é libertar o espírito de quem ouve música... Esta renovação de imagem coincidiu com a mudança de distribuidor na Europa, que deixou de ser a Absolut Sounds. Entre nós, também a distribuição das Magneplanar mudou de mãos e passou a ser a Delaudio quem agora comercializa a marca.

Para ajudar à renovação da imagem da marca na Europa, surgiram também novos modelos, tais como as MG1.7 e as MG12 e, digo eu, se a tendência estética destes novos modelos se mantiver, veremos, naturalmente, aparecerem novas propostas, quer para completar a gama, quer mesmo para substituir modelos mais antigos. Mas como neste momento não tenho dados que me permitam afirmar nada e como falo apenas por convicção, prefiro abordar factos mais concretos.

A Magneplanar aderiu também ao cinema em casa e na sua gama apresenta propostas para este fim, concretizadas em painéis de parede (!) – os modelos MMGW e MC1 e canal central (MGC, a nova CC5, a CCR e a CC, esta última destinada a funcionar sobre suportes). Para além de reclamar para si a criação do mais pequeno painel do mundo – as MMG –, a empresa do Minnesota propõe na sua gama as MG12, hoje objecto de teste, as novas e aclamadas 1.7 (*full quasi-ribbon*) e as já conhecidas MG3.6 e MG20.1.

### Apresentação

Para os audiófilos que ainda mantêm algum preconceito (desculpem-me a palavra, mas não lhe resisti...) sobre os painéis, principalmente no que diz respeito à dimensão física, quero dizer que as MG12 são maneirinhas, podendo mesmo transportar-se dentro da embalagem num automóvel médio. Com a sua estética renovada, que deu origem, também, ao design das 1.7, as MG12 são fáceis de instalar, dado que a montagem dos seus quatro pés de suporte (dois por coluna) requer apenas alguns minutos de atenção. Devido ao tamanho, estas Magneplanar são muito leves e por isso bastante fáceis de colocar na sala de audição, permitindo por isso experimentar várias possibilidades de posicionamento relativo entre si e, naturalmente, entre as colunas e o local de audição. O manual recomenda que a distância entre as colunas seja próxima de metade da distância entre cada uma delas

e aquele local. E como em todos os modelos da marca, dado o facto de o *tweeter* se situar em posição lateral no painel respectivo, existe uma coluna direita e uma coluna esquerda. O manual, mais uma vez, recomenda que a posição correcta de ambas é de modo que as zonas dos painéis destinadas à reprodução das altas frequências se situem do lado de fora. Ou seja, coluna direita com o painel à direita, coluna esquerda com o painel à esquerda.

Para os mais exigentes em termos de acabamentos, quero dizer que se mantém o mesmo tipo de cuidado de sempre da marca. Pode gostar-se ou não da solução painel, mas a função de uma coluna é essencialmente voltada para a qualidade do som, mais do que para o efeito decorativo. Sobre o par que estive em minha casa, quando colocados ambos os exemplares lado a lado, um deles inclinava-se mais do que o outro, o que não abona muito em favor do cuidado posto no acabamento. No entanto, apesar das pequenas falhas que conhecemos nos acabamentos dos painéis, a verdade é que funcionam bem em termos musicais. Sejam os justos, as colunas de caixa permitem de forma muito mais fácil contornar o factor estética, embora os acabamentos luxuosos que muitas vezes, e cada vez mais, aparecem em modelos de caixa possam levar não apenas a encarecer o produto, mas também a mascarar a sua qualidade com soluções que mostrem mais preocupação com o gosto dos olhos que com o dos ouvidos.

Tecnicamente, as MG são um modelo de duas vias, em que o *tweeter* é um *quasi-ribbon*, uma criação da Magneplanar que teve a sua estreia nas MG1.5 QR, de que fui um feliz possuidor de um par.

Para os que estão pouco familiarizados com esta tecnologia, as Magneplanar usam uma das três soluções existentes para a construção de painéis. São chamadas, por via disso, colunas electromagnéticas. As Apogee eram colunas de fita integral, utilizavam a mesma tecnologia nos painéis de baixos que as Magneplanar utilizam nas unidades de altas frequências. Diferentemente das electrostáticas (como as Quad, as Acoustat, as Martin Logan ou as Soundlab, por exemplo), as Magneplanar utilizam o campo magnético produzido por uma placa de magnetos dispostos por toda a área de «produção» de vibrações sonoras. O painel de Mylar, por sua vez, é uma fina mem-



brana de material plástico à qual é aplicado, por colagem em toda a sua superfície, um condutor – um filamento de cobre ou uma fita de alumínio, no caso do *quasi-ribbon*. O Mylar estende-se paralelamente à placa de magnetos e é a interacção entre o campo magnético criado pelos magnetos e o condutor que percorre o Mylar que faz vibrar este, produzindo os sons.

### Audições

Ao contrário do que é meu hábito, em vez de dizer a que equipamento foram as Magneplanar ligadas, começo desde já por descrever as minhas experiências, uma vez que este meu teste viveu mais das experiências que fui fazendo ao longo do tempo em que as MG12 estiveram em minha casa, do que propriamente das audições que acabam por acontecer (quase) sempre quando um equipamento entra em minha casa para um teste e depois de estabilizada a solução definitiva, após o encontro das combinações e, no caso de colunas, do posicionamento, mais satisfatórios para as audições.

Utilizando o meu sistema habitual, liguei as MG12 aos Krell e a primeira sensação que tive logo no primeiro minuto foi uma surpresa que quase me deixou agarrado ao sofá, pela dimensão sonora que mais parecia ter origem em colunas bem mais corpulentas, fisicamente falando. Achei mesmo que era muito som para tão pequeno preço. Tratei imediatamente de procurar o ponto óptimo de audição, seguindo os conselhos que o manual recomenda a este propósito. A partir daí seguiram-se várias tentativas para conseguir tirar todo o partido da sonoridade destas Magneplanar.

## TESTE Magneplanar MG12



Quero dizer, antes de mais, que por me ter parecido que as MG12 têm uma personalidade sónica muito aberta, mas ao mesmo tempo com um pendor sobre as altas frequências, deixando a gama média um pouco retraída, procurei, dentro das soluções disponíveis no mercado, ligar o par a diferentes soluções em termos de amplificação, para tentar tirar a limpo as minhas conclusões sobre o máximo que as pequenas Magneplanar podem oferecer de si.

Antes disso, e após alguns dias de audições com o meu sistema, e perante a ostensiva apresentação centrada sobre as altas frequências, fui buscar as duas resistências que acompanham o manual das MG12 e coloquei-as nos locais destinados ao efeito, com a finalidade de fazer um *shunt*, supostamente com a intenção de diminuir a resposta nas altas frequências. Pensei também que corria um risco ao cortar a resposta em agudos: a sonoridade poderia ficar um pouco velada demais e talvez isso fosse uma solução do tipo «pior a emenda que o soneto». Afinal, estava enganado. O que acabou por se verificar surpreendeu-me agradavelmente, porque o efeito da resistência foi subjectivamente mais pronunciado nos médios do que pro-

priamente nos agudos. A resposta no topo do espectro audível manteve-se como até aí e os médios passaram a estar subjectivamente mais presentes. Estava debelado o primeiro «problema» no decurso das audições das MG12 com o objectivo de conseguir retirar delas o seu melhor.

Apesar das melhorias trazidas pela introdução das resistências, continuava a parecer-me que os Krell não seriam a melhor combinação para um par de pequenas Magneplanar, porque desde o princípio notei haver alguma estridência na sonoridade do conjunto. Por isso, quis logo experimentar outras propostas e as diligências que, logo nos primeiros dias, fiz nesse sentido levaram a que experimentasse mais tarde outras combinações.

A primeira solução tentada foi o amplificador Pass XA-30.5, inicialmente acompanhado pelo meu pré-amplificador Sonic Frontiers SFL-2 e mais tarde pelo prévio Pass XP-10, que testei para a *Audio* em 2009. Nesta altura já pensava também numa outra combinação que estava prometida – o integrado Audio Research DSi60.

Com os Pass, a sonoridade das Magneplanar tornou-se ligeiramente mais «domesticada» relativamente ao que acontecia com os Krell. Mantiveram-se, contudo, as características que já tinha identificado nas MG12, e que já tive oportunidade de referir. Apesar da diferença ser pequena em comparação com o resultado obtido com os meus equipamentos, preferi claramente ouvir as MG12 quando ligadas aos Pass. Tive pena de não ter tido oportunidade de ouvir cá em casa uma combinação que me pareceu funcionar muito bem, pelo menos a julgar pela audição que fiz na sala da Delaudio, com o amplificador integrado da Primare, que o Delfim recomenda também vivamente. Do ponto de vista de qualidade sonora em absoluto, assim como do factor importante que é o preço, muito mais nesta fase de crise generalizada, parece-me ser uma combinação muito recomendável para as MG12.

Para além do Primare, que me pareceu ter soado naquela oportunidade muito bem, tive finalmente o gosto de ver ligados cá em casa um conjunto Magneplanar/Audio Research, que tanta tinta fez correr por esse mundo no tempo em que os painéis reinavam. Enfim, apesar de ter ligado um Audio Research e umas Magneplanar «baratinhos», o que é verdade é que o perfume desta combinação se espalhou rapidamente pela minha sala, possibilitando às MG darem o seu melhor e que, como já tive oportunidade de dizer, não é pouco. Algumas conclusões se podem tirar, para além da sonoridade típica das colunas de origem Magneplanar, que se mantêm no modelo mais pequeno da família. Vejamos quais são.

As pequenas MG12 têm um som grande, que ultrapassa de longe o que é de esperar de umas colunas com o seu preço. Esta característica é mesmo de tal forma evidente que nos deixa boquiabertos e quase estupefactos, por incrédulos, às primeiras notas de qualquer obra musical. Apesar de tonalmente se centrarem mais sobre as altas frequências, esse é um factor que pode ser «corrigido», combinando-as com um amplificador de sonoridade doce, onde as válvulas são um factor de preferência a ter em conta (embora haja propostas a transístores muito interessantes neste aspecto).

Com uma sonoridade tipicamente da família Magneplanar, as MG12 surpreendem,



apesar de tudo, pela ausência de adiposidades, oferecendo-nos um som limpo, muito condizente com as modernas tendências seguidas pela maioria dos construtores, mas que, sendo mais do que uma moda, representam uma filosofia sonora que prima pela qualidade, aproximando-se, cada vez mais, da realidade. Espante-se, eu nunca esperaria ouvir umas Magneplanar soarem quase adstringentes, para usar uma palavra tão do gosto do Jorge Gonçalves.

Apenas uma palavra para as baixas frequências, que cumprem o que se lhes pede pelo preço que as MG12 custam. Nota-se uma ligeira ressonância, quase imperceptível, mas que só tive oportunidade de verificar nas últimas horas de convívio com este par. Já o João Zeferino estava na minha companhia, pronto para as embalar e transportar para sua casa, quando detectámos quase em simultâneo esta pequena ressonância. O efeito pode não ser notado em todas as salas, porque o João disse-me que em casa dele o resultado era ainda mais evidente. Isso, no entanto, não impediu o João de ter gostado bastante das MG12, tanto que ficou, eu diria mesmo, eufórico com a sua prestação.

Para terminar, não diria que fiquei eufórico com as MG12, mas gostei. Achei, acima de tudo, que são uma excelente compra pelo preço e que para ter esta qualidade e esta dimensão sonoras é preciso gastar muito, mas mesmo muito mais. Bem combinadas poderão fazer milagres pelo prazer de quem gosta de ouvir música.

## 2ª Opinião

João Zeferino

A ideia de escrever uma segunda opinião sobre as MG12 partiu do director da *Audio & Cinema em Casa*, Jorge Gonçalves, quando lhe manifestei interesse em ouvir as MG12 no contexto do meu sistema. De facto, as colunas de painel, e as Magneplanar em particular, fazem parte do imaginário de qualquer audiófilo que, como eu, tenha presenciado a evolução do áudio durante as décadas de 80 e 90. Após um período de ausência em Portugal, as Magneplanar estão de volta e naturalmente que fiquei em palpos de aranha para as ouvir na minha sala.

As primeiras audições foram feitas em casa do António Flório, com amplificação Audio Research VSi60, e com o conjunto pré/power Sonic Frontiers/Krell. Posteriormente,

foram instaladas na minha sala, ligadas à amplificação residente Mark Levinson 326S/432.

As MG12 não cessaram nunca de me surpreender, ao ponto de as considerar como uma das pechinchas da década. De facto, por 2000 não é nada fácil encontrar colunas de caixa que se superiorizem às MG12. Do que gostei menos queria apontar a resposta no registo grave, principalmente com sons graves processados electronicamente (Dire Straits – *Brothers in Arms*, Rene Aubri) e a altos volumes de som, situação em que as Magneplanar responderam com uma batida grave algo indistinta, com tendência para embulhar e para fazer sobressair em demasia o médio-grave, provocando uma interacção demasiado notória com a frequência de ressonância da sala.

Curiosamente, com sons graves de origem acústica ou pouco processados, como a bateria em *Shine on Crazy Diamond* ou *Jazz at the Pawnshop*, ou o registo dos naipes de violoncelos e contrabaixos, os timbales e até mesmo o bombo, sem esquecer os possantes trombones ou a tuba das grandes orquestras sinfónicas, todos estes me soaram correctísimos, timbricamente fiéis e com uma apresentação grandiosa, solta e de ampla escala que faz das audições um prazer para os sentidos.

Na gama média e aguda estão as características que mais diferenciam as Magneplanar da maioria das colunas de caixa. Por um lado, o detalhe perceptível é abundante, a que não será alheia uma apresentação sempre grandiosa, que se desenvolve num palco sonoro amplo, tridimensional e totalmente liberto das colunas. Por outro lado, a focagem não é tão milimetricamente precisa como em colunas monitoras de topo, como as minhas habituais Guarneri Memento, nem demonstram a mesma sensação de presença física, contudo, são capazes de reproduzir Bruckner ou Mahler a volumes de som igualmente elevados, sem apresentarem efeitos de compressão ou vestígios de esforço, do que resulta sempre uma audição capaz de nos envolver naquele misto de som e atmosfera que contribui para uma fruição plena da obra musical. O agudo produzido pelo *tweeter quasi-ribbon* é limpo, extenso, solto e de notável beleza tímbrica, podendo, na minha opinião, ser favoravelmente comparado com unidades instaladas em colunas de custo muitíssimo mais elevado.

Já o disse e mantenho, as Magneplanar MG12 são uma das pechinchas da década. Instalar uns painéis no meio da sala de audições é uma opção que nem todos podem considerar. Além do mais, precisam de algum espaço – na minha pequena sala funcionaram muito bem a 90 cm da parede traseira e 25 cm das laterais – e amplificação musculada para mostrarem o seu verdadeiro potencial. Cumpridos estes requisitos são uma opção fantástica por 2000 €, exibindo uma das mais elevadas relações qualidade/preço que conheço e oferecendo uma performance que muitas colunas de caixa bem mais dispendiosas não ousam atingir. Eu viveria feliz com umas Magneplanar MG12.

**Preço:** 1.999 €

**Representante:** Delaudio

**Telefone:** 21 843 64 10

**Web:** [www.delaudio.pt](http://www.delaudio.pt)

